

Pode vir a ser necessário voltar a reduzir prestações sociais e baixar salários, e os principais responsáveis não são os agiotas

As grandes obras públicas e a redução dos salários

A proposta de Orçamento do Estado (OE) que o Governo apresentou prevê a descida de prestações sociais e dos salários de milhares de trabalhadores do sector público como medidas necessárias para reduzir o deficit do OE. Pretende-se com isto reduzir a probabilidade de incumprimento (bancarrota) devida ao endividamento excessivo do Estado e dessa forma conseguir financiamento no exterior pagando juros moderados e não exorbitantes, como actualmente. Com a bancarrota, não estaria em causa o valor dos salários e das prestações sociais, mas a sua existência. Provavelmente muitas pessoas com empréstimos bancários deixariam de poder pagar as suas casas e ficariam em situações dramáticas. A bancarrota provavelmente traria situações de fome e miséria em larga escala, como aconteceu em outros casos, por exemplo, na Argentina no início da década passada. As medidas agora tomadas pelo Governo são parcialmente injustas e ineficientes: por exemplo, por que é que o Governo, que nunca mexeu nos institutos e fundações inúteis e redundantes que o Estado sustenta e por onde espalhou os seus *boys*, vem agora aumentar tanto os impostos, o que pode ter efeitos negativos na economia e no emprego? São também tardias e por isso muitíssimo mais gravosas do que se tivessem sido tomadas antes. No entanto, apesar de tudo, deve reconhecer-se que pretendem evitar males bastante maiores do que a austeridade que impõem.

Neste contexto, é normal perguntar como chegámos a esta situação de endividamento excessivo e descontrolado. Segundo o 1.º ministro a culpa é da crise internacional e da compra dos submarinos por um governo anterior e que

têm de se pagar agora. Mas se é a culpa é da crise porque é que Portugal está nesta situação e outros países, como a Holanda, a Suécia, etc., não estão? É óbvio que a crise internacional agravou o problema, mas a comparação com outros países mostra que não é a causa principal. E se a culpa é de compras que se pagam anos mais tarde, o que dizer das grandes obras públicas promovidas por este Governo, as auto-estradas, TGV, TTT, feitas com base em financiamento obtido no estrangeiro e que envolvem pagamentos e rendas a serem suportados pelo Estado no futuro? O Governo argumenta que estas obras trazem grandes benefícios à economia. Se fosse verdade, o argumento faria algum sentido, mas não é. Grande parte dos projectos promovidos pelo Governo são ruinosos. Vejam-se alguns exemplos. 1 – Novo Aeroporto de Lisboa: a sua construção na Ota era um projecto ruinoso que o Governo só corrigiu porque foi pressionado e não por sua livre iniciativa. 2 – Auto-estradas com pouco tráfego. 3 – Terceira Travessia do Tejo: vai ser construída no sítio errado (aumenta a distância de Lisboa ao futuro aeroporto, não permite a passagem das novas linhas ferroviárias no aeroporto, destrói parte do porto de Lisboa, é mais cara, etc.) apenas para reduzir o tempo de percurso de Lisboa para o Barreiro em cerca de 2 minutos relativamente à alternativa Beato-Montijo. 4 – Linha de Alta Velocidade Lisboa-Porto, que segue o trajecto mais caro e não permite tráfego de mercadorias, importantíssimo para a competitividade da economia. A maioria destes projectos poderiam de facto ser muito úteis para a economia (o que mesmo assim não justifica endividamento excessivo), mas como estão baseados em



Mário Lopes

decisões políticas erradas (escolha de trajectos e localizações erradas, etc.) são ruinosos.

Se o Governo acha que responsabilidades assumidas há anos contribuíram significativamente para a situação actual (ao invocar o caso dos submarinos), então por que continua a fazer o mesmo a uma escala ainda maior com as suas obras públicas ruinosas a pagar no futuro? E o que dizer dos partidos à esquerda do Governo, que defendem fortemente as obras públicas ruinosas com financiamento obtido no exterior e depois protestam contra as consequências dessas políticas que eles próprios defendem? Normalmente, estes partidos dizem que a culpa da crise é dos especuladores e agiotas internacionais, como se estes tivessem a culpa de o Estado português lhes pedir dinheiro emprestado. Seria bom que os trabalhadores portugueses percebessem que para pagar as obras ruinosas que o Governo e os partidos à sua esquerda defendem, no futuro pode vir a ser necessário voltar a reduzir prestações sociais e baixar salários, e que os principais responsáveis não são os agiotas e especuladores. Estes não nos podem fazer nada se não lhes pedirmos dinheiro emprestado. E também seria bom para a economia que a classe política distinguisse obras que contribuem para o desenvolvimento económico, de obras ruinosas, e não tomasse decisões com base em análises superficiais e incompletas dos projectos ou no tamanho das obras, como é frequente. *Prof. do Dept. de Eng.º Civil do Instituto Superior Técnico e vice-presidente da ADFERSIT (Associação para o Desenvolvimento de Sistemas Integrados de Transportes), email: mlopes@civil.ist.utl.pt*